

O Cristão Espírita

RIO DE JANEIRO, GB — JANEIRO-MARÇO DE 1974

“Fé inabalável só o é a que pode encarar frente a frente a razão, em todas as épocas da Humanidade.” ☆ Kardec

ÓRGÃO DOUTRINÁRIO-EVANGÉLICO DA CASA DE RECUPERAÇÃO
E BENEFÍCIOS BEZERRA DE MENEZES

Fundadores: Azamor Serrão (idealizador)
Indalício Mendes (diretor)

Evangelho e educação (VIII)

Quando o Mestre confiou ao mundo a divina mensagem da Boa Nova, a Terra, sem dúvida, não se achava desprovida de sólida cultura. Na Grécia, as artes haviam atingido luminosa culminância e, em Roma, bibliotecas preciosas circulavam por toda parte, divulgando a política e a ciência, a filosofia e a religião. Os escritores possuíam corpos de copistas especializados e professores eméritos conservavam tradições e ensinamentos, preservando o tesouro da inteligência. Prosperava a instrução, em todos os lugares, mas a educação demorava-se em lamentável pobreza. O cativo consagrado por lei era flagelo comum. A mulher, aviltada em quase todas as regiões, recebia tratamento inferior ao que se dispensava aos cavalos. Homens de consciência enobrecida, por infelicidade financeira ou por questúnculas de raça, eram assinalados a ferro candente e submetidos à penosa servidão, anotados como animais. Os pais podiam vender os filhos. Era razoável cegar os vencidos e aproveitá-los em serviços domésticos. As crianças fracas eram, quase sempre

punidas com a morte. Enfermos eram sentenciados ao abandono. As mulheres infelizes podiam ser apedrejadas com o beneplácito da justiça. Os mutilados deviam perecer nos campos de luta, levados à conta de carne inútil. Qualquer tirano desfrutava o direito de reduzir os governados à extrema penúria, sem ser incomodado por ninguém. Feras devoravam homens vivos nos espetáculos e divertimentos públicos, com aplauso geral. Rara a festividade do povo que transcorria sem vasta efusão de sangue humano, como impositivo natural dos costumes. Com Jesus, entretanto, começa uma era nova para o sentimento. Condenado ao supremo sacrifício, sem reclamar, e rogando o perdão celeste para aqueles que o vergastavam e feriam, instila no ânimo dos seguidores novas disposições espirituais. Simão Pedro e os companheiros dedicam-se aos doentes e infortunados. Instituem-se casas de socorro para os necessitados e escolas de evangelização para o espírito popular. Pouco a pouco, altera-se a paisagem social, no curso dos séculos. Dilacerados e atormentados, en-

tregues ao supremo sacrifício nas demonstrações sanguinolentas dos tribunais e das praças públicas, ou trancafiados nas prisões, os aprendizes do Evangelho ensinam a compaixão e a solidariedade, a bondade e o amor, a fortaleza moral e a esperança. Há grupos de servidores que se devotam ao trabalho remunerado para a libertação de numerosos cativos. Senhores da fortuna e da terra, tocados nas fibras mais íntimas, devolvem escravos ao mundo livre. Doentes encontram remédio, mendigos acham teto, desesperados se reconstroem, órfãos são recebidos no lar.

Nova mentalidade surge na Terra. O coração educado aparece, como abençoada luz, nas sombras da vida. A gentileza e a afabilidade passam a reger o campo das boas maneiras e, sob a inspiração do Mestre Crucificado, homens de pátrias e raças diferentes aprenderam a encontrar-se com alegria, exclamando, felizes:

— «Meu irmão!»

EMMANUEL (Espírito)

Do inimigo aperte a mão
Com doçura, sem rancor;
Ao contacto do perdão
Toda pedra vira flor.

Evangelho meditado
Fala sempre ao coração;
Evangelho meditado
É permanente oração.

Pedagogia anódina

Para nós, espíritas, não há poderes legais susceptíveis de alterar o ritmo de causas imanentes, oriundas de um determinismo providencial que tudo abrange e provê, na vida dos indivíduos como na vida dos povos. Há no Evangelho de Jesus uma sentença que ilustra o nosso pensamento: é a que diz do arranque de toda planta não semeada pelo Pai. Pode o homem cego de orgulho, inadvertido da sua própria condição, origem e destinação, arvorar-se em fator da história e árbitro da posteridade... De quanto faça, entretanto, nada vingará, fora e além dos desígnios da Providência. Assim tem sido e há de ser, até que paguemos todos o último ceitil.

O currículo da humanidade, até onde possamos exumá-la de suas fontes conhecidas, é um acervo de ideologias, de lutas, experiências, conquistas e reformas, quais mais acerbos e dolorosos:

filosofias, religiões, regimes políticos, estados sociais, nada significariam se houvéssimos de os adjudicar ao só arbítrio humano. Nós que conhecemos a força transformadora da reencarnação; nós que sabemos que a alma não se cria para o corpo e sim que o conforma, tanto quanto lhe preexiste e subsiste, estamos certos de que, qual o fômos, todos serão chamados ao testemunho, a seu tempo e na sua hora. A fé não é elemento de ensino; não se impõe, tão pouco, em paradigmas padronizados. Dom essencialmente divino, patrimônio subjetivíssimo, espontâneo, intangível em si mesma, não há na Terra autoridade que lhe possa traçar normas.

Multipliquem-se as escolas, legisle-se à vontade, Jesus saberá onde e como arrebanhar as suas ovelhas. Nem uma se perderá, disse-o Ele, e nós sabemos que assim é. (“Reformador”).

ANO VIII

Nº

43

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

«O Espiritismo sério não pode responder por aqueles que o compreendem mal, ou que o praticam de modo contrário aos seus preceitos.» — ALLAN KARDEC

RECATO NO VESTIR

"A pretexto de seguir a moda, não te desequilibres. O recato é atitude moral indispensável a uma vida sadia, normal. Como o espírito humano procede e se demora nas faixas inferiores em cujos limites ora se compraz, com algumas exceções, fácil lhe é ver tudo através das lentes escuras da animalidade, estimulando-se ao influxo das atrações do sexo em desgoverno, a dominar quase todos os departamentos da Terra.

Não só no trajar o recato se impõe. Nos diversos labores e situações da vida, o recato, a morigeração, a ordem tem regime de urgência para que a criatura humana consiga haurir a porvindoura felicidade que lhe está destinada desde hoje". Joana de Ângelis (Espírito).

Casa de Recuperação e Benefícios Bezerra de Menezes

Rua Bambina, 128
BOTAFOGO
Rio de Janeiro, GB

DOMINGO — 8h30min:

Estudo doutrinário e evangélico, para crianças e jovens.

2ª-FEIRA — 20h30min:

Estudo de "Os Quatro Evangelhos" (Roustaing).

3ª-FEIRA — 15 horas:

Estudo de "O Evangelho, segundo o Espiritismo" (Allan Kardec). Atendimento espiritual.

4ª-FEIRA — 20h30min:

Estudo e aprimoramento da mediunidade.

5ª-FEIRA — 15 horas:

Estudo doutrinário e evangélico. Atendimento espiritual.

6ª-FEIRA — 20h30min:

Estudo de "O Livro dos Espíritos" (Allan Kardec). Atendimento espiritual.

SEGUNDO SÁBADO DE CADA MÊS — 18h30min:

"Noite da Saudade", dedicada aos irmãos que já foram chamados à Espiritualidade.

NOTA: Depois do horário acima indicado, não será permitida a entrada.

Informações e conselhos serão encerrados meia hora antes do início das reuniões.

AVISO IMPORTANTE

Não será permitida a entrada de pessoas do sexo feminino, que se apresentem vestidas de "short", "frente-única", calças compridas, saias demasiadamente curtas; nem do sexo masculino, com "bermudas" ou outro traje inadequado ao ambiente de um templo verdadeiramente cristão.

A PRECE

Erro é supor que a prece tenha valor para alterar as leis naturais, modificar o curso dos acontecimentos livrando-nos de sofrimentos por que deveremos passar, a fim de que se cumpram as leis cármicas. A prece tem o valor de sintonizar-nos com as vibrações de planos mais elevados, desde que sinceramente feita.

Pedimos sempre algo a Deus, ao Cristo ou às entidades superiores. Quando tal fazemos, oramos. A prece é uma petição. O que menos valor representa na oração são as palavras que se proferem. O que vale é a intenção, é a fé, a sinceridade de quem a formula. Há preces mudas como as há barulhentas. Há quem ore mecanicamente, desfiando as contas de um rosário; há quem saiba muitas orações, tendo uma para cada acontecimento da vida; há quem saiba rezas para acalmar tempestades, fazer tirar dinheiro no bicho, achar objetos perdidos e até para ficar invisível.

De nada vale uma oração

quando não se participa inteira e completamente, com sinceridade, do que se pede. Quando se ora, o pensamento deve estar voltado unicamente para o ato de orar. E, neste caso, todo o nosso ser toma parte na oração. E oramos, como disse o Dr. Alexis Carrel, com todo o nosso organismo.

O valor da oração é relativo. Serve só, como dissemos anteriormente, para nos pormos em sintonização com outros planos e atrairmos os auxiliares invisíveis que nos cercam. O pensamento que emitimos, quando oramos, não se projeta ao infinito. Fica restrito a determinada área.

Pode-se orar em qualquer lugar e hora, em qualquer posição, sentado, ajoelhado ou deitado. Não se precisa pronunciar palavras. É bastante concentrar o pensamento no que se pede, com ardor e sinceridade. Realmente não se deve fazer como a maioria: reservar alguns minutos para orar, e levar o resto do dia a emitir pensamentos de ódio e vingança. Num certo sentido, o homem

deve orar continuamente, permanentemente.

Oramos quando trabalhamos honestamente; oramos quando projetamos pensamentos de amor ao próximo; oramos quando desejamos o bem de todos; oramos quando perdoamos a uma ofensa recebida; oramos quando procuramos auxiliar o nosso semelhante. A oração deve estar integrada em nossa própria maneira de agir e pensar. E se procedemos bem em todos os instantes de nossa vida, estaremos em perpétua oração, em constante prece. E dessa forma atrairemos para o nosso lado os auxiliares invisíveis que tenham os mesmos pensamentos e que vibrem em uníssono conosco.

A prece não é, verdadeiramente, a pronúncia de palavras ou fórmulas cabalísticas ou não.

A prece é uma atitude.

(A Existência de Deus e a Imortalidade da Alma — Adauto Pontes — F.E.B.)

Caridade

Filha do céu! que desces pela escada,
A luminosa escada de Jacó,
E vens da Terra à humilima pousada
Bater um dia pensativa e só;
de peregrinas graças revestida,
D'alegria imortal e doce paz,
Translúcida, jocunda, estremecida:
Toda a satisfação ao justo dás.

Falas à mente e ao coração tu falas,
Na voz do cumprimento do dever...
Quer do palácio nas douradas salas,
Quer no albergue da dor podes viver.
Por ti nos prados ao nascer do dia
Sobem aromas da modesta flor,
E espalha no pendor da serra
Núveis, núvens d'incenso, o teu amor.

Quando nas tardes pálidas do outono
Sibila o vento que levanta o pó,
Da árvore triste despertando o sono
Nua de folhas, desgranhada e só:
À tormenta fugindo, o passarinho
Vem um canto talvez inda entoar,
À luz do sol que em núvens d'ouro e
[arminho

No ocaso mais além vai expirar.
Sobre o oceano, que ao olhar se perde
Do horizonte na intermina amplidão,
Derrama-se o luar no dorso verde...
— Bênçãos de paz num choro d'afflição.
Ensinas a rezar, que a reza, incerta
Embora, pela esteira d'alma luz
(A mesma esteira que deixaste aberta)
Sobe ao seio do Pai de hinos a flux.

Ensinas, doce amor! a dar a esmola,
Num sentimento d'abnegação;
Em cada pobre que o infortúnio assola
Vendo um mais puro e mais divino
[irmão...

Vendo no enfermo e no infeliz mendigo
Uma alma aflita para consolar;
Ninguém pode viver sem um amigo,
Nem ser ditoso em meio do penar.

* * *

Bendita, sejas tu! que pela escada,
A escada de Jacó cheia de luz,
Desceste pressurosa e ufanada,
A graça a nos trazer dos céus azuis.

JOSÉ LUIZ DE MAGALHÃES

PAIS — Reflitamos sobre os pais. Não são alimárias domésticas. Não serão ele, evidentemente, os que estarão compelidos a arrastar-nos no carro do progresso, sem o mínimo empenho de nossa parte. Eles tão-somente chegaram antes de nós. As vias foram as mesmas. Preparam, contudo, o berço em que renasceríamos, os recursos necessários no plano de resgate de nossos débitos de outrora, a paisagem afetiva da parentela que nos acolhe. São a ponte entre o nosso passado e o agora. Sejam como sejam, carreguem este ou aquele defeito, esta ou aquela falha, foram eles que nos suportaram desde a mais tenra idade, a fim de que tivéssemos condições para a regeneração espiritual a que Jesus nos confia.

«Intimidade» — (FEB) — Roque Jacintho.

ESPIRITISMO CRISTÃO

(Extraído e adaptado de «Os Quatro Evangelhos», obra mediúnica coordenada por J. B. Roustaing).

30. O perispírito (III) — (Ref.I.300) — Após a queda e antes de encarnar, o Espírito, pelas suas tendências naturais, tem composto o seu perispírito, conservando os fluidos, que ele para tal fim assimilou, a influência que lhes é própria. No curso da encarnação, esses fluidos mudam de natureza, de acordo sempre com os progressos ou as faltas do Espírito. Se a encarnação produz uma melhoria no estado moral, os fluidos que constituem o perispírito experimentam uma correspondente melhora. É, para nos servirmos de uma comparação humana, a rapariga do povo despidendo suas roupas grosseiras para vestir os trajes de noiva. A matéria que o Espírito anima lhe auxilia o desenvolvimento, quer se trate do Espírito humano, quer da essência espiritual, ou Espírito em formação nos reinos mineral, vegetal e animal. Entre os que se transviam, muitos há também cujo transviamento só se dá depois de terem sido por largo tempo, por século, dóceis aos Espíritos incumbidos de os guiar e desenvolver; depois de haverem trilhado, até certo ponto

mais ou menos avançado de desenvolvimento moral e intelectual, a senda do progresso que lhes era indicada. Esses encarnam em planetas mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, conforme ao grau de culpabilidade, a fim de sofrerem uma encarnação mais ou menos material, mais ou menos fluídica, apropriada e proporcionada à falta cometida e às necessidades do progresso, atenta a elevação espiritual. Assim como Deus criou, cria e criará, em contínua progressão, na imensidade, no infinito e na eternidade, essências espirituais, Espíritos, também criou, cria e criará mundos adequados a todos os gêneros de encarnação, para os que se transviaram, transviam e transviarão. Assim, sempre houve, há e haverá, por um lado, terras primitivas, mundos materiais, mais ou menos inferiores, mais ou menos elevados, mais ou menos superiores, uns em relação aos outros e, por outro lado, mundos cada vez mais fluídicos, até os planetas da mais pura fluidez, a que podeis chamar mundos celestes, divinos, e aos quais só têm acesso os Espíritos puros. Para

atingirem essa perfeição, aos Espíritos que se mantiveram puros na infância, na fase de instrução e ao longo da senda do progresso, cumpre também que, dirigidos pelos seus Guias, percorram, na medida e na conformidade da elevação alcançada, todas as esferas, as terras primitivas, os mundos inferiores e superiores de todos os graus, as inúmeras moradas dos que, por terem falido, sofrem as encarnações e reencarnações sucessivas, tanto materiais como fluídicas em suas diversas graduações, até que, tornada nula sobre eles a influência da matéria, tenham entrada na categoria dos Espíritos puros. Esse percurso, porém, aqueles Espíritos o executam sempre na qualidade de Espíritos, porquanto seus estudos se fazem no espaço, no grande livro do universo. Os que faliram, para chegarem à perfeição, também são obrigados a percorrer, na medida e na conformidade da elevação de cada um, todos os mundos que os Espíritos puros habitam, assim como os que servem de habitação aos encarnados, em todos os graus da escala espírita. Ref. I/302. (Continua).

AS IDÉIAS INATAS

A pergunta feita por Allan Kardec sobre se «o Espírito encarnado conserva algum vestígio das percepções que teve e dos conhecimentos que adquiriu nas existências anteriores», em «O Livro dos Espíritos» (218), teve a seguinte resposta: «Guarda vaga lembrança, que lhe dá o que se chama idéias inatas.

Kardec insistiu sobre a validade da teoria das idéias inatas e teve a confirmação de que a teoria é certa: «os conhecimentos adquiridos em cada existência não mais se perdem. Liberto da matéria, o Espírito sempre os tem presente. Durante a encarnação, esquece-os em parte, momentaneamente; porém, a intuição que deles conserva lhe auxilia o progresso. Se não fosse assim, teria que recomeçar constantemente. Em cada nova existência, o ponto de partida, para o Espírito, é o em que, na existência precedente, ele ficou.

A respeito do mesmo assunto, diz Allan Kardec em «O Principiante Espírita» (118) que fez a seguinte pergunta aos Espíritos que consultava: «Qual a origem das idéias inatas, das disposições precoces, das aptidões instintivas para uma arte ou uma ciência, abstração feita de toda instrução?» A resposta foi bastante expressiva: «As idéias inatas só podem ter duas fontes: a criação das almas mais perfeitas umas que as outras, no caso de serem criadas ao mesmo tempo que o corpo (hipótese incompatível com a justiça de Deus), ou o progresso por eles adquirido anteriormente à sua encarnação (hipótese verdadeira)».

E concluíram: «As idéias inatas são o resultado dos conhecimentos adquiridos nas existências anteriores e que se conservaram no estado de intuição, para servirem de base à aquisição de novas idéias.»

Âncoras de luzes

Bezerra de Menezes (Espírito)



ama, esquece. O Mestre assim exemplificou.

Não te entristeças quando a injúria procurar-te o caminho. Responde com o bem. O Mestre ensinou-te a proceder assim.

Não desanimes se no teu caminho surgirem percalços justos e necessários. Com eles, vencerás a rude batalha da prova. O Cristo de Deus tornou bem claro este ensinamento, ao doar aos homens trinta e três anos de vida.

Perdoar, esquecer, amar, progredir, são degraus para a evolução espiritual. Crer, confiar, esperar, são âncoras para os momentos de aflição e dor.

Dedicar-se ao bem, à caridade, ao amor desinteressado, é adquirir a própria libertação.

Meu amigo: se o Evangelho do

Mestre te visita o coração, crê que possuis uma fortuna incalculável.

Vence a tua timidez, desvende o teu coração, ajusta o conhecimento que tens à prática dos anseios nas labutas comuns. Verifica teu aprendizado e conquista a ti mesmo para o Divino Mestre.

Hoje, por certo, a luta é difícil e os obstáculos apresentam-se inumeráveis; entretanto, amanhã, vencida a jornada, ouvirás o cântico bendito das legiões celestiais, proclamando-te às luzes da eternidade.

Sê paciente, portanto, e pratica o que aprendeste, cresce para o Mestre no silêncio de teu coração e, amanhã, entre róseas esperanças, obterás o teu galardão.

Glória a Deus nas alturas.

(Médiúm: M. C. Paiva)

Não te atormentes quando a prova for mais rude e maiores as tuas dores. Crê, espera, confia. O Mestre está sempre presente.

Não te magoes quando a maldade ferir-te o coração. Perdoa,

Canto ao mineral (I)

Pedra! Quem és de rija catadura,
Imóvel, neste mundo, eternamente?
Tu'alma acaso vibrações não sente
Ou o frio sepulcral te estringe e amura?

Que estranha rigidez, que já perdura
Desde que mal o mundo era nascente!
E qual gigante há séculos dormente,
Serás da inércia a própria criatura?

Não, que das mãos de Deus também vieste!
Fazes parte da abóbada celeste,
És o símbolo vivo da matéria!

Vibra em teu seio a vida mais flamante;
Pobre seixo ou o mais puro diamante,
Quem sabe se não tens uma alma etérea?

Abel Gomes (Espírita)

RESPONSABILIDADE

Ignácio Bittencourt (Espírito)



Nas comoventes trocas de afeto fraterno que unem um grupo de verdadeiros cristãos, encontram-se a fé e a força de vontade que conduzirão, todos juntos, a grandes vitórias no mundo. Ninguém caminha só, pois a misericórdia do Cristo sempre está presente para assistir àqueles que peregrinam pelas sendas da Terra. Todavia, se por compromisso de débito ou merecimento, temos a imensa oportunidade de servir ao Senhor, ligados a grupos de tal natureza, devemos mostrar o nosso reconhecimento por tanta misericórdia, de coração alegre, em prece ao Alto, trabalhando de maneira a testemunhar a Jesus a nossa gratidão.

Abençoado seja aquele que compreende o real sentimento do Evangelho do Mestre e já aprendeu a proceder sem as restrições lamentáveis do egoísmo.

Abençoado seja, Senhor, aquele que coloca o problema do próximo em primeiro lugar e ora sinceramente em socorro do irmão necessitado.

Abençoado seja aquele que atende de coração franco e mãos abertas, o irmão aflito, pronto a realizar o mais humilde dos serviços, seguindo o exemplo de amor tantas vezes dado por Jesus.

Abençoado seja, acima de tudo, aquele que, no mundo, não perde o precioso tempo destinado a seu progresso, utilizando-o para o exercício do bem, distribuindo bênçãos e servindo de boa vontade.

Para que agrade a Deus, é preciso que nunca nos esqueçamos das lições do Mestre, da sua figura cativante e humilde e cheia de amor, que curava e sorria ternamente, socorrendo quantos procuravam uma ajuda, a fim de se sentirem aliviados dos sofrimentos do corpo e dos sofrimentos da alma.

Ninguém acorre, freqüente ou trabalha num templo cristão por acaso. Mas todos assumem, desde logo, grande responsabilidade perante Jesus, porque se estabelece uma ligação espiritual entre aqueles que necessitam e

pedem, recebendo na medida de seu merecimento, e aqueles que, obreiros do Mestre, procuram dar o seu esforço, como instrumentos da obra caritativa dirigida pelo Cristo, através das inúmeras e bondosas falanges de Espíritos entregues ao intenso e imenso serviço da Caridade. Não nos esqueçamos jamais, todos nós, os que pedem e os que dão, de que «é dando que recebemos». Por isso, todos estamos, mais do que podemos imaginar, ligados, uns aos outros, espiritualmente.

Senhor: não nos falte em nenhum momento o amparo de que ainda somos carentes, em vista das nossas inferioridades, e ajudanos a compreender os ensinamentos evangélicos, para adquirirmos a verdadeira fé, a fé que remove montanhas», e poderemos vencer os obstáculos que defrontarmos, como venceste, sem temor e cheio de ânimo, as barreiras criadas pela ignorância dos homens.

Que Jesus nos ilumine!

ESTUDOS DOUTRINÁRIOS (XV)

Bezerra de Menezes
(Max)

Não nos embrenharemos em discussão por mostrar que, mesmo em tese, que é uma monstruosidade, uma blasfêmia, o pretendem que temos uma única vida e que, conforme nossos méritos e deméritos, subiremos ao céu diretamente ou com escala pelo purgatório, e para descermos ao inferno de penas eternas, mais depressa do que se chega ao céu. Diremos somente o que encerram, contra tal modo de ver, os fatos que escolhem e apontamos.

Como explicar, pela vida única, o fato de nascerem criaturas humanas cegas, surdas, mudas, aleijadas, idiotas, com o estigma, enfim, de uma condenação? São os privilegiados que não gozam os prazeres do mundo, para terem os do céu? Então Deus tem preferências, não distribui. Seu amor igualmente por seus filhos, dando a uns a chave do céu e deixando que outros a descubram por entre as trevas que os envolvem na Terra! Nós, os espíritos, os possesores do demônio, diremos — expiação! E temos explicado o fato de a felicidade da razão e da consciência, em perfeita harmonia com a justiça indefectível e com a misericórdia e o amor do Pai, que não tem preferências nem exclusões, que dá a cada filho segundo suas obras.

Este cego, ou mudo, ou surdo, cometeu em passadas existências grandes faltas, dessas que, segundo a Igreja, levam diretamente ao inferno; mas o Pai, que não quer a perda de nenhum de seus filhos, nem mesmo do ímpio, como disse por Ezequiel, em vez de

condená-lo sem remissão, como seria de gosto pela Igreja, dá-lhe nova e novas existências, dá-lhe em cada vida a moeda com que resgate sua dívida: o sofrimento. O sofrimento, pois, nesta vida terrena é o meio de expiação, é a moeda que o Pai nos oferece para resgarmos nossa dívida, é a escada para subirmos aos mundos de felicidade, se o recebermos com resignação. É claro que, sendo a pena proporcional ao crime, uns sofrerão mais do que outros, por terem feito maior mal. Daí sofrerem estes mais do que aqueles, e sofrendo menos de certo tempo em diante se houverem suportado com resignação as dores sofridas, pela simples razão de já se terem livrado de uma parte da carga que trazia. E a expiação de cada um tem sempre uma relação (mais ou menos apreciável à nossa razão) com as faltas dos que a sofrem.

Assim, o mundo fez o mal pela palavra (é hipótese) — foi um homem de grande eloquência que arrastou muitas pessoas à perdição, pregando idéias perniciosas ao alto fim da humanidade, que é: chegar até a casa do Pai pelo saber e pela virtude. Assim, o juiz venal, que condenou o inocente a ser rodado na praça pública, virá pagar esta dívida para com Deus e para com seu semelhante, na mesma espécie: sendo também, inocente, rodado na praça pública. E esse justo que sofre os horrores de uma sorte adversa? É um Espírito que foi perverso e que, felizmente, aceitou a expiação de suas culpas, até fazer-se justo; ao contrário do mau, que frui as

grandezas da Terra, e que, usando do seu livre arbítrio, repeliu a expiação, que, afinal veio fazer, sobrecarregando-se de mais culpas, as quais dele exigirão muito maiores sofrimentos em posteriores encarnações. Esta matéria pede um livro e nós dispomos apenas de quatro tiras de papel!

A expiação ou antes a preexistência explica satisfatoriamente a índole boa ou má, as disposições vantajosas ou desvantajosas, pelo lado intelectual, com que nascem as crianças, assim como explica a morte destas, dos recém-nascidos e dos fetos. As expiações são individuais ou coletivas, segundo o mal praticado isoladamente ou em concomitância. Neste caso, os co-réus se reúnem, na nova existência, para fazerem, juntos, a expiação, como fizeram o mal. É a razão de vermos uma família perseguida da sorte em todos os seus membros e é a razão porque vemos um povo inteiro sofrer os rigores da adversidade, como o judeu, o polaco e tantos outros.

Esclarece Oséas que o povo hebreu experimentou as torturas do cativo do Egito, sendo levado, a azorrague, a trabalhar na elevação dos famosos monumentos dos Faraós, por expiação, porque era composto dos mesmos Espíritos que voluntariamente, por orgulho, e para afrontar o poder de Deus, empreenderam elevar a grande torre, que se chamou de Babel, e que devia subir até ao céu. Foi a expiação coletiva de um povo.

(Continua)